

## REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO JORNAL “CORREIO DO SERTÃO” NA DÉCADA DE 1920.

Fernanda Caroline Silva dos Santos<sup>\*</sup>  
Adriano Antonio Lima Menezes<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** *O jornal “Correio do Sertão” foi fundado em 1917, na cidade de Morro do Chapéu, no interior da Bahia, e ainda encontra-se em circulação. O presente artigo foi elaborado na intenção de perceber como se apresentava o discurso sobre a mulher, no jornal (neste caso, a mulher burguesa), numa tentativa de analisar este discurso, as formas de representação das mulheres daquela comunidade, e quais as vozes que embasavam tal discurso, que se materializava através de textos de opinião e literários. Numa perspectiva transdisciplinar, analisou-se trechos extraídos do jornal com base em teóricos de História, Literatura do Feminismo. O objetivo maior é observar qual era a concepção dos homens que escreviam para o “Correio do Sertão” a respeito das mulheres, não somente a mulher pertencente àquela comunidade, mas também de maneira universal. É uma tentativa de refletir sobre estes escritos, levantando questões sobre os porquês da visão generalizada, estereotipada, e muitas vezes preconceituosa, acerca da mulher, presente no jornal.*

**Palavras-chave:** Mulher; Representação; Jornal “Correio do Sertão”

### INTRODUÇÃO

*“... conduzindo os ramos de forma a preencher o desenho que só ele sabia, podando os espigões teimosos que escapavam à harmonia exigida. E aos poucos, entre suas mãos, o arbusto foi tomando feição, fazendo surgir dos pés plantados no gramado duas lindas pernas, depois o ventre, os seios, os gentis braços da mulher que seria sua...”.*

(COLASANTI, Marina. A mulher ramada. In.: **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1995.).

O presente artigo pretende mostrar como se apresentava o discurso sobre a mulher burguesa no jornal “Correio do Sertão”, sediado em Morro do chapéu, na década de 1920. Neste período, este jornal, escrito por homens, destinava-se a um seleto grupo de pessoas pertencentes à burguesia local. A publicidade sempre se apresentou como um espaço condensativo do pensamento ideológico de cada época, sendo um campo fértil onde são semeadas e cultivadas as representações construídas pelo homem sobre o mundo e sobre suas relações sociais, reproduzindo certos padrões de pensamento e comportamento.

O estudo foi realizado tendo como objeto os textos do referido jornal. Observou-se que o discurso, androcêntrico, apresentado no jornal, denuncia a mentalidade que corria no início do século XX a respeito da mulher, representando-a como criatura diáfana, bela e fantasiosa, na

---

<sup>\*</sup> Acadêmica do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: [karollekis@hotmail.com](mailto:karollekis@hotmail.com). – Autora

<sup>\*\*</sup> Professor pesquisador da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV. E-mail: [adriano.limamenezes@gmail.com](mailto:adriano.limamenezes@gmail.com).

qual o sonho e a emotividade preponderavam sobre a razão. A sua função como mulher deveria ser: cuidar da imagem, tanto dela, quanto da sua família, ser respeitosa e bondosa, aparentando sempre um estado de felicidade.

Diante deste quadro, buscou-se bibliografia que tratasse a respeito desta questão, encontrando nos Estudos Culturais as vozes que iriam elucidá-la, visto que seu objetivo é analisar a construção social e cultural das diferenças sexuais, dando voz aos grupos marginalizados, refletindo sobre as representações culturais e discursos que ocultam no seu bojo preconceitos e exclusões. Os Estudos Culturais constituem-se assim um campo transdisciplinar, comprometido com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. Nesta proposta inter/transdisciplinar, esta corrente teórica abarca tanto os Estudos de Gênero, quanto o Feminismo.

Os estudos de gênero observam que os papéis sociais dos sexos são dentro de um determinado recorte cultural, e que a noção de feminino e masculino, além de diferença sexual, são papéis construídos culturalmente, concluindo-se que nesta relação ditocômica, o feminino frequentemente está oprimido e explorado pelo masculino, numa dinâmica de diferença hierarquizada, estabelecendo uma relação de poder, na qual o homem é o dominante.

O conceito de gênero como diferença tem servido de base para o feminismo, que se iniciou como um movimento de reivindicação social e hoje é reconhecido como uma corrente teórica, marcada pela reflexão e crítica das tecnologias de poder que informam as definições e representações masculinas construídas sobre a mulher e o feminino na nossa cultura. Heloísa Buarque de Hollanda, uma das mais importantes teóricas do feminismo no Brasil, diz que:

Os estudos feministas, assim como os estudos étnicos ou anti-imperialistas promovem um deslocamento radical de perspectiva, ao assumirem como ponto de partida de suas análises o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos e intelectuais que normalmente os excluem, usurpam suas funções de significação e representação e falseiam suas realidades históricas (1994, p.8).

O feminismo foi diretamente influenciado pelo pensamento de filósofos como Michel Foucault, e Jacques Derrida, que discutem a crise e o deslocamento do sujeito, colocando conceitos como subjetividade, marginalidade, alteridade e diferença como temas centrais do debate acadêmico. Nesse sentido, o feminismo é uma forma de desconstrução, apresentando novas ferramentas, novas metáforas e novas imagens para o pensamento, questionando a lógica identitária falocêntrica, questionando as experiências corporais, históricas e sociais do gênero, que foram obliteradas pela razão ocidental.

## **A MULHER NO “CORREIO DO SERTÃO”: GENERALIZAÇÃO E PRECONCEITO**

Na história revela-se que os indivíduos do sexo masculino sempre detiveram os poderes em suas mãos, sendo o discurso uma das suas manifestações. Dentro do sistema patriarcal, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência em relação a eles, estabelecendo códigos que sempre a desfavoreceram. Dessa maneira, ela foi se constituindo como o Outro. Na sociedade da cidade de Morro do Chapéu do início do século XX constatamos a presença desta ideologia através da mídia impressa.

Observemos um trecho do texto extraído do jornal “Correio do Sertão” de 1921, intitulado “A mulher”:

A mulher que foi perdição para o pae Adão, (...) pra um versátil um juguete, para o gastrônomo uma cosinheira, para o menino um consolo, para o noivo um desejo, para o marido uma carga, para o viúvo um descanso, para o pobre uma calamidade, para o rico, uma ameaça, para o joven um pesadelo, para o velho um inimigo, para o homem um estorvo, para o diabo um agente (Correio do Sertão 1921 nº 302, f-3, sic)

Aqui fica clara uma ideologia generalizadora e patriarcal, ao colocar a mulher sempre desempenhando um papel em função dos homens. Tal ideologia baseia-se na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera privada, tendo o lar como seu lugar, sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria, e moldar o caráter dos futuros cidadãos. Neste contexto, inexistia realização das mulheres fora do lar. Na frase “Agradecemos a Deus por ter feito a mulher”, e em outras semelhantes, o homem afirma com arrogante ingenuidade que o mundo é o seu lugar de direito, enquanto que a existência da mulher é um feliz acidente. É procurando alcançar a si mesmo através dela que o homem espera realizar-se. Neste sentido, é bem pertinente a definição feita por Simone de Beauvoir, do binômio “destino de mulher”, dado biológico, contrariando a “vocação de ser humano”, relacionada aos dados sociais e profissionais, ou seja, aí se instaura uma duplicidade conflituosa nas relações da mulher com o mundo nessa situação de polaridade.

Um dos desafios da ideologia feminista tem sido desestruturar esta situação, numa busca de equilíbrio, na qual homens e mulheres se afirmam um diante do outro, a partir das suas identidades, suas vozes, suas idéias, suas vontades e até mesmo, de seus corpos.

Ainda no território das idéias lançadas por Simone de Beauvoir no livro “O Segundo Sexo”, percebemos uma crítica feita por ela em relação à passividade e aceitação pelas mulheres do seu destino: “se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno”(BEAUVOIR,1949,p.13). Neste sentido, a mulher não se afirma como sujeito, mas, evita a angústia e a tensão da existência deliberadamente assumida. A autora lança uma boa provocação, mas a pergunta que fica é: será que aquelas circunstâncias do início do século, nas quais as mulheres tinham as rédeas das suas próprias vidas nas mãos de terceiros as livrava da angústia existencial? Como se sentiam estas mulheres? Que pensamentos tinham elas, que não dividiam com ninguém?

Clarice Lispector retoma esta questão em muitos dos seus contos, ao elaborar personagens femininas que se dedicavam ao lar, numa lida diária e segura, mas esta segurança estava sempre ameaçada pelo perigo da vida que pulsava lá fora. Temos um bom exemplo em “Amor”, no qual a personagem Ana tecia os fios da sua vida e da sua família cuidadosamente na segurança do seu lar, numa meticulosa tranqüilidade. Mas se vê, de repente, arrematada pela percepção de que aquela vida previsível e feliz, era ilusória, numa crise desencadeada por ela mesma, que foi tomada numa epifania por uma incontrolável vontade de viver, de ver a vida que pulsava lá fora, longe da sua casa.

Essa vontade de viver era, certamente, o que levava as moças solteiras (e casadas também) a se deleitarem com as histórias das donzelas narradas nos livros de temática romântica.

No jornal “Correio do Sertão” percebemos um artigo intitulado “Perfil Feminino IV” a respeito dessa prática feminina:

(...) Mademoiselle é gente nova que sabe apreciar o que é novo e bello, desde o figurino de onde copia o molde dos seus vestidos côr de rosa (na maioria) aos livros de literatura. Prefere Olegário Mariano e Catullo a Camões e Aristophanes e não lhe fadigam os longos romances de Escrich visto que Mademoiselle gosta dos livros. **É que a leitura é um passatempo proveitoso e agradabilíssimo, e ella precisa mesmo de passatempos, enquanto espera pelo tempo feliz dos seus sonhos dourados, que se concretizam no auri-fulgir do aro symbolico.** (Correio do Sertão 1929 nº 604 p.-3 sic) (grifo meu).

O romance sentimental, tido como uma literatura leve, conquistou um público feminino para a literatura: as mulheres de elite, com tempo livre para as aulas de piano e de dança, os bordados e as costuras. Diante da realidade de terem seus maridos escolhidos pelos pais, o romantismo se configura como uma nova proposta de sentimentos, no qual a escolha do cônjuge é encarada como condição de felicidade. Ao lerem estes romances, as mulheres amam o amor, o estado de alma, e não uma pessoa, personificada. Ama-se uma idéia sobre o amor. Desse modo, a literatura era uma fuga da realidade, pois nela toda a adversidade era superada. Para muitas dessas mulheres, que suspiravam com os feitos heróicos dos personagens a realização do amor nunca aconteceu, sendo ele muito mais um alimento do espírito do que uma prática existencial.

Cabe ainda um comentário sobre o que se fala “Correio do Sertão”, neste mesmo texto do jornal, sobre a espera da realização do sonho dourado das mulheres, na visão do discurso masculino: o casamento. Ao lermos a bibliografia a respeito do cotidiano das famílias nas primeiras décadas do século XX, constatamos que a vida conjugal não era um “mar de rosas” para as mulheres. Sua maior preocupação deveria ser o bem-estar da sua família, fazendo sempre do lar um templo em que se cultue a felicidade, competindo a ela manter o tédio afastado. Enquanto isso, sua individualidade ficava à sombra, invisibilizada. O sujeito da mulher, de fato, era anulado. O que aparecia era o ícone da mantenedora do lar, da mãe exemplar, da dona-de-casa prendada, da esposa exemplar. A socióloga Maria Ângela D’Incao faz a seguinte observação:

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar estivesse em mãos masculinas. (D’INCAO,2001 p.-220).

Infere-se que a esta mulher impecável, nada sobrava de seu. Ela jamais poderia se realizar em sua plenitude, naquilo que concernia somente a ela, porque não era um ser único, peculiar, mas sim um elemento da família, da casa, um bem pertencente ao marido.

Outro aspecto que revela o androcentrismo e a misoginia do discurso apresentado no jornal “Correio do Sertão” é a maneira como se analisa a mulher esteticamente. Seu modo de vestir era diretamente associado à sua conduta. Eis aqui o texto intitulado “Sobre a moda”:

Se o vestido é o reflexo da alma feminina, e a mulher é quem faz os bons costumes, claro é que os trajes das senhoras exercem real e poderosa influencia nas sociedades, influencia benefica ou desastrosa, conforme os moldes

adaptados. É o caso de tirarmos a prova dos vestidos como elemento de regeneração social. Infelizmente, o figurino moderno, com os decotes desmedidos, braços nus e saias curtas, não pode realizar essa maravilhosa transformação de costumes. Quem quizer concorrer para a moralização, ha de prescindir forçosamente, das figuras mal vestidas, que servem de ilustração às revistas femininas. (Correio do Sertão 1923 n.33 p-3, sic)

O julgamento da moral feminina através dos seus trajes representa uma forma de violência, pois constitui uma discriminação e generalização, herdeira da visão iluminista de que eram a paixão, imaginação, mas nunca a razão, qualidades das mulheres, restando-lhe o sonho, o devaneio. Sendo as mulheres criaturas destituídas de discernimento, cabia aos homens tomar decisões e fazer julgamentos, tais como este acima citado.

Virgínia Woolf, no seu livro “Um teto todo seu”, faz uma brilhante consideração a respeito da situação da mulher servindo de referência para os homens. Sua intenção é mostrar, de maneira irônica, como eles se consideram os detentores do poder, considerando-se superiores. Assim ela nos fala:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas (...) Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heróica. Eis porque tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se... ! (WOOLF,1985,p.48)

A tirania masculina imposta através do discurso restringe a liberdade e a autonomia femininas, convertendo uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade e inferioridade, com o objetivo de impedir sua fala e sua atuação, instaurando-se dessa maneira uma forma de agressão simbólica.

A ausência do discurso feminino no jornal “Correio do Sertão” é denunciador de um silêncio, de exclusão, na obliteração e invisibilidade da fala feminina. Falar sobre a presença do discurso feminino é um ato político, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura, que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino, e que se projetou na imagem negativa do feminino.

A nossa cultura projetou a ilusão de homogeneidade graças à ação de um violento processo de repressão, uma recusa em aceitar as marcas significantes do outro, porque tais marcas representam uma ameaça à visão metafísica e idealizada do sujeito.

Levantar a questão do gênero significa implodir as bases epistemológicas do sistema de referência de nossa cultura e fazer vir à tona as relações da cultura como sistemas elitistas de distribuição de poder e estratégias de exclusão e opressão, visivelmente presentes no discurso corrente no jornal “Correio do Sertão” no início do século XX, por exemplo. A intenção é redimensionar a noção de cultura em termos de inclusão da multiplicidade, heterogeneidade e legitimidade da mulher enquanto sujeito social e discursivo. É questionar o que está estabelecido, mostrar o que foi ocultado, esquecido e distorcido, tanto nos grandes centros como em cidades do interior, como Morro do Chapéu, numa tentativa de reparação do silêncio incômodo deixado por essas mulheres.

## REFERÊNCIAS

BEAUVIOR, Simone. **O Segundo Sexo**. Volume 1- fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 12ª impressão, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo**, volume 2. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Gênero**. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: teoria e crítica do pós- estruturalismo. Tradução de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.1997.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 5ª ed., 2001.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Introdução – feminismo em tempos pós-modernos**. In: idem (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da contracultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **“Amor”**. In: *Laços de família*. Idem. Rio de Janeiro: Rocco.1998.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à era do rádio*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDONÇA, Maria Helena. **A literatura feminina (recortes de uma trajetória)**. In: RAMALHO, Christina (org.) *Literatura e feminismo: propostas e reflexões crítica*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLAMMER, Karl Erik (org.) **Literatura e Cultura**. Rio de Janeiro: ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

RAGO, Margareth. **Por uma educação libertária: o gênero na escola**. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina**. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.) *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1995.

SOIHET, Raquel. **Formas de violência, relações de gênero e feminismo**. In: *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*. Niterói: EDUFF, 2002, Volume 2, número 2.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.